

BAKHTIN, M.; DUVAKIN, V. *Mikhail Bakhtin em diálogo: Conversas em 1973 com Viktor Duvakin*. Trad. Daniela Miotello Mondardo, a partir da edição italiana. São Carlos: Pedro & João Editores, 2008, 320p.

*Elaine Hernandez de Souza**

Neste momento, em que se busca compreender o fio do pensamento teórico tecido no conjunto dos textos produzidos pelos intelectuais russos pertencentes ao chamado “Círculo de Bakhtin”, a obra *Mikhail Bakhtin em diálogo: Conversas em 1973 com Viktor Duvakin* se mostra de extrema importância para as Ciências Humanas, na medida em que ela documenta fatos diretamente relacionados à vida de Bakhtin: É o testemunho do autor sobre si e seu tempo. A necessidade de compreensão da Rússia de Bakhtin, por sua vez, é condizente com a proposição teórica formulada pelo Círculo: o conhecimento de qualquer objeto estético no contexto sócio-histórico-cultural que o engendra. Além disso, o conteúdo da obra vem para preencher lacunas da recepção ocidental não sistematizada do pensamento bakhtiniano a partir de 1970.

O texto publicado consiste em entrevista concedida por Mikhail Bakhtin (1895-1975) a Viktor Duvakin (1909-1982), professor de literatura e especialista em Maiakovski. A edição brasileira da obra é uma tradução do italiano, conta com a Apresentação e o Prólogo de Augusto Ponzio e está dividida em seis conversas que somam aproximadamente doze horas de gravação. A página de abertura de cada encontro traz o número da conversa e diferentes recortes do rosto de Mikhail Bakhtin, que ganha sua totalidade nas Notas, onde a fotografia do filósofo russo é recuperada na íntegra. Na página seguinte à de abertura, no topo da página, há o registro da data do encontro e a indicação de seu conteúdo em itálico. A transcrição das conversas obedece à ordem cronológica dos encontros, que tiveram início na última semana de fevereiro de 1973 e provável término no fim de março do mesmo ano.

O primeiro encontro é dedicado principalmente ao processo de formação intelectual de Mikhail Bakhtin. O autor inicia a conversa contando sobre suas origens na nobreza e período de infância em Orel, quando ele que fora acometido pela ostiomelite. Em Orel ingressou no ginásio, passando por Vilno e concluindo em Odessa. Também em Odessa ingressou no ensino universitário em 1913, concluindo seus estudos em São Petesburgo, cidade que naquela época era chamada Petrogrado. Ali Bakhtin esteve vinculado ao Departamento de Estudos Clássicos da Faculdade Filológico-Histórica, mas confessa reconhecer-se desde essa época como um pensador, mais filósofo do que filólogo. Seus interesses literários não se limitavam aos textos clássicos: foi um grande admirador da então poesia contemporânea, dos simbolistas russos, dentre os quais destaca Viacheslav Ivanov. Nutria também uma profunda admiração pelos simbolistas alemães e franceses, em especial, por Charles Baudelaire. O filósofo russo desenvolveu seus estudos por conta

*Mestre pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP, São Paulo, São Paulo, Brasil; elainehs@uol.com.br

própria, começando a formar seu vasto repertório de leitura desde bem cedo: entre seus onze ou doze anos já conhecia Dostoiévski e entre os doze ou treze leu em alemão a *Crítica da razão pura* de Kant. Além do alemão e do russo, Bakhtin conhecia o latim, o grego antigo e o francês, conhecimentos adquiridos na infância, no ginásio e na universidade.

No segundo encontro, Bakhtin parte de Odessa para então tratar do período de sua permanência em São Petesburgo [Petrogrado]. Nessa época, a capital czarista vivia uma efervescência intelectual. Seu relato sobre a existência de diversos círculos e associações voltados a questões linguístico-literárias e filosófico-religiosas e a cátedra da Universidade de São Petesburgo são apenas algumas evidências desse processo. Dos grupos existentes, o autor afirma ter participado de círculos de caráter filosófico-religioso e literário, dentre os quais, ele destaca Círculo do Omphalos, composto de estudiosos e amigos, em sua maioria classicistas, liderado por Nikolai Mikhailovich Bakhtin, irmão de Mikhail Bakhtin, depois por Lev Pumpianski e Lev Vasil'evich. Segundo Bakhtin, o círculo informal de Omphalos – “Umbigo” em grego – propunha-se a parodiar, com humor sutil e irônico, fenômenos da vida e da cultura séria da época. Além desses dois grupos, o autor cita outras organizações, como a Opojaz [Associação para o estudo da linguagem poética], que contava com o sociolinguista russo Polivanov, o Círculo Puchkinano e a Livre Associação Vol'fila, de cunho liberal-democrático. Quando questionado sobre a cátedra da Universidade de São Petesburgo entre 1915-17, ele destaca alguns integrantes por notoriedade: Feddei Francevich Zielínski, conhecedor da antiguidade e referência para os classicistas da época, Aleksander Ivanovich Vviediênski, representante do kantismo puro, Nikolai Onufrievich Losski, um intuicionista e antikantiano, Ivan Ivanovich Lapsin, seguidor do positivismo inglês, e Baudouin de Courtenay, fundador do formalismo em geral na linguística mundial. O autor russo recupera ainda a galeria dos simbolistas e, entre as grandes personalidades culturais com que tivera contato, ele destaca, além de Viacheslav Ivanov, seu amigo Valentin Nikolaevich Volochinov, poeta, crítico literário e autor de *Marxismo e filosofia da linguagem* (1929), conforme declaração do próprio Bakhtin.

A terceira conversa refere-se ao período de Bakhtin em Nevel, Vitesbk e depois Leningrado, a mesma São Petesburgo e Petrogrado. Nesse diálogo, o filósofo russo reforça sua admiração pelos simbolistas e seu distanciamento dos futuristas da época, a exceção de Maiakovski. Ao retomar a questão do ambiente estudantil na Universidade de São Petesburgo, afirma ter estado próximo do círculo dos filólogos, que travavam com certa resistência e ceticismo os ideais contemporâneos: o futurismo, o Acmeísmo, os fenômenos de esquerda, os revolucionários e poetas de seu tempo. Também declara, nesta conversa, seu posicionamento desfavorável, mas não alienado, à Revolução de Fevereiro de 1917. Segundo o autor, a revolução teria sido articulada por pessoas incapazes de governar o Estado e que de alguma forma tiravam vantagem das dificuldades enfrentadas pelo povo russo. Já em Nevel, para onde ele teria se mudado entre os anos de 1918-1919, formou-se um restrito círculo de amigos posteriormente chamado de “Círculo de Bakhtin”, com destaque para Lev Pumpianski e Valentin Volochinov. Por volta de 1921, o filósofo russo se mudou para a região de Vitebsk, para onde também haviam se mudado os integrantes do grupo e a eles se juntado Pavel Nikolaevich Medvedev. Ali Bakhtin lecionou no

Conservatório Musical e, em sua casa, dava aulas sobre a filosofia de Kant e o neokantismo, além de tratar de questões voltadas à filosofia da religião. Segundo o autor, em Vitebsk foram colocadas as bases daquele Círculo que se estabeleceu posteriormente em Leningrado, para onde ele se mudou em 1924.

A temática da quarta conversa está voltada aos quase cinco anos da permanência de Bakhtin em Leningrado, anteriormente chamada de Petrogrado. Ao tratar desse período, o autor relembra a repressão e sua prisão, bem como os encontros literários em salões e os círculos. Conforme ele aponta, a repressão era exercida pelo GPU [Gosudárstvennoe Politicheskoe Upravlénie], a polícia secreta, que contava com a colaboração de alguns jornalistas, chamados ironicamente por ele de jornalistas de vanguarda e progressistas. Os pensadores da época perderam seu espaço e muitos deles foram submetidos ao confinamento. Em 1929, o filósofo russo foi condenado sob a acusação, por ele negada, de pertencer a uma organização ilegal de Inteligência de direita em Leningrado. Essa sentença, no entanto, foi reformulada pelo tribunal daquela cidade em 1967. O autor relembra ainda os encontros com os representantes da literatura nos salões-círculos informais, como por exemplo, no Círculo de Ruguévitch, cujas reuniões aconteciam na casa de Anna Sergueiévna Ruguévith, médica estreitamente ligada aos círculos literários, artísticos e, em especial, musicais. Havia também o círculo-salão de Medvedev, e o próprio Bakhtin promovia reuniões em sua casa. Nos encontros, recitavam-se poesias, liam-se resenhas e contos e faziam-se explanações, além das conversas. Entre as personalidades presentes, estavam dois membros do Círculo de Bakhtin, que são deixados para as últimas entrevistas: Vaginov e Maria Iudina.

Na quinta conversa, o pensador russo insere Konstantin Vaginov no cenário dos poetas mais importantes da escola poética de Leningrado entre os anos de 1924 a 1929. Admirador do Helenismo, Vaginov era também bibliógrafo e filólogo, tinha uma biblioteca voltada principalmente para os poetas italianos do século XVII e auxiliava jovens escritores, dando-lhes consultoria. Nesta mesma conversa, Bakhtin apresenta um resumo do seu período de exílio e sua posterior mudança para Saranski. Ele então relata que fora preso em dezembro de 1928 e, em virtude de sua doença que se agravava, deixou a prisão e foi hospitalizado em 1929. Nesse período ele já havia escrito *Problemas da obra de Dostoiévski* (1929). Foi coagido a se mudar para Kustanai, cidade onde residiu a partir de 1930, trabalhando como economista na organização comercial e ministrando cursos aos trabalhadores do comércio. Kustanai era a cidade dos exilados. Conhecida por seu clima austero, era considerada um lugar pouco atrativo. Os exilados, no entanto, gozavam de prestígio pela contribuição dada à comunidade. Isso se refletia também nos salários geralmente mais altos do que aqueles recebidos pela população em geral. Nessa época, o também integrante do Círculo, Ivan Ivanovich Kanaiev, diretor de biblioteca em Leningrado, enviava ao amigo livros em geral. Ali Bakhtin teria começado a escrever sobre *Rabelais*. Por volta de 1937, chegou a Saranski, capital da República Autônoma da Mordóvia, onde lecionou por um ano no Instituto Pedagógico. No entanto, com a forte repressão, ele, mesmo sem autorização oficial, passou a viver ora em Moscou, ora em Leningrado, na casa de amigos, e posteriormente em Savelovo, nas cercanias de Moscou. De volta a Saranski em 1945,

retornou ao mesmo instituto, permanecendo na cidade até 1969, quando se mudou de forma legal e definitiva para Moscou, por motivos de saúde.

A temática do último encontro, por sua vez, é dedicada à grande amiga Maria Veniaminovna Iudina, que a ele fora apresentada na casa de Lev Vasilevich Pumpianski, no verão de 1918. De família hebréia, a futura concertista de piano era filha do médico Veniamin G Iudin e irmã de Ana Veniaminovna, tradutora de literatura científica. Em Nevel, Iudina assistia às aulas de Bakhtin sobre introdução à filosofia, cujo conteúdo era voltado a Kant, ao neokantismo, estudava-se Hermann Cohen, Rickert, Natorp e Cassirer. Além disso, Pumpianski e Iudina e Bakhtin travavam longas conversas sobre filosofia moral ao redor do lago por eles chamado de “Lago da Realidade Moral”. O amigo e professor de Iudina destaca também sua admiração pelas habilidades musicais de sua jovem aluna. Segundo ele, as execuções de Iudina transpunham as fronteiras da música para o mitológico, o religioso, e isso se refletia na escolha do repertório e na originalidade de sua interpretação. A amiga do pensador russo, juntamente com Kagan, desempenhou um papel importante na atenuação da sentença de Bakhtin: sua pena de detenção modificada pelo exílio em Kustanai. A pedido de Duvakin, ele recita Viacheslav Ivanov, Goethe, Baudelaire no final da conversa. Com Puchkin, despedem-se entrevistado e entrevistador.

A biografia de Mikhail Bakhtin, relatada nesta obra, é uma importante ferramenta para a compreensão das bases fundamentais do pensamento científico-filosófico materializado no conjunto das obras do Círculo. Além disso, a noção de Círculo, estranha à cultura ocidental contemporânea, é também explicitada no contexto cultural russo da época, quando grupos informais e com interesses comuns reuniam-se para debates filosóficos e para a apreciação de textos literários. Nesse mesmo sentido, não se pode ignorar a declaração de Bakhtin sobre a autoria de *Marxismo e filosofia da linguagem*, por ele creditada a Volochinov. Há ainda, no conjunto das entrevistas, uma riqueza de referências a personalidades intelectuais desse período, com os quais o filósofo russo de alguma forma dialogou. Esse diálogo pode apontar novos caminhos para estudos específicos a serem realizados. Dessa forma, a publicação de *Mikhail Bakhtin em diálogo* representa um avanço para as Ciências Humanas. Quanto à obra em português, por fim, caberia um trabalho de revisão, para futuras edições, incluindo a padronização das transliterações das palavras russas.